**Camila Ferezin do Amarante**

**Ginástica Ritmica**

**Início da transcrição**

**Então é isso Camila, brigada por você ter vindo pra cá, eu queria que você contasse a tua história.**

* Desde o começo?

**Desde o comecinho?**

* Bom, eu comecei a treinar ginástica rítmica com 8 anos.

**Você é aqui de Londrina?**

* É eu sou de Londrina, comecei a treinar com 8 anos num colégio estadual, Vicente Rijo, que é aqui pertinho, meu pai demorava muito pra buscar a gente na escola eu, minha irmã, e meu irmão. Aí nessa demora ai a gente pediu pra fazer ginástica rítmica, que tinha umas amigas que já praticavam o esporte na escola, e uma delas é a Daiane,e agente desde de pequenininha já começou a fazer a ginástica. A gente via fazendo na escola, daí eu e a minha irmã que é a Alessandra Ferezin Guidugli...aí a minha mãe foi lá e colocou a gente na ginástica, e a gente ficava fazendo a ginástica no horário depois da escola pra dar o tempo, o horário certo pra o meu pai me buscar. E aí a gente fez dois anos já foi competir em alguns campeonatos estaduais, aí nessa época uma, a Barbara Laffranchi, que era ginasta da Elizabeth Laffranchi, filha dela também, ela parou de treinar porque ela teve um problema no joelho e resolveu montar uma equipe.

Aí a gente ficou sabendo que a dona Elizabeth era técnica e ela é uma das precursoras da ginástica rítmica no Brasil, e logo que a gente ficou sabendo, logo a gente já foi atrás pra fazer parte da equipe dela e deu tudo certo. Eu, a minha irmã, a Daiane, um grupinho de mais ou menos umas 7, 8 ginastas começou a praticar ginástica rítmica com ela, dai sim alto rendimento, treinava e começou a participar de campeonatos brasileiros. Logo um dos primeiros a gente foi campeã brasileira de conjunto e primeiro campeonato brasileiro, acho que foi com ela, 1989, coisa assim, em Porto Alegre e a gente foi campeãs brasileira de conjunto e começou não é, essa fase de treinamento. Treinar todos os dias, quatro horas a gente treinava mais ou menos por dia e as que se sobressaiam faziam conjunto e individual, então eu, a Daiane, a gente treinava conjunto e individual porque existe as duas modalidades na ginástica rítmica e aí foi treinando, ganhando, conquistando, crescendo, subindo nas categorias até quando foi a seleção. A confederação brasileira de ginástica resolveu fazer a primeira seleção permanente de conjunto, que até então eram os clubes que tinham os primeiros lugares no ranking que representavam o país.

Aí foi em 1995 ela concentrou toda a seleção aqui porque a técnica, a melhor das melhores ginastas na época era eu e a Daiane daqui de Londrina, que a Barbara Laffranchi, aí tinha no patrocínio, o apoio da universidade da UNOPAR, que é a universidade do norte do Paraná que patrocinava, e a confederação era em Curitiba, e a presidente fez, resolveu concentrar a seleção brasileira de conjunto aqui em Londrina. Aí foi que tudo começou em 95, a gente já foi pros primeiros jogos é pan-americano. Ah não desculpa, esqueci que antes disso, antes disso, antes de ter a seleção permanente, eu, a Daiane entrou na categoria juvenil passando pra o adulto. E fizeram uma seleção e eu fui escolhida pra representar o Brasil nos jogos pan-americano de Cuba em 1991, só que eu era juvenil e com a idade que eu estava que era 14 anos poderia competir no adulto também, então eu fui escolhida e fui pra esses jogos pan-americano no individual. Eu fiquei em 14º lugar, no individual eu tinha 14 anos. Em 91 eu lembro que eu fui eu nem sabia o que era aqueles jogos, que era todos os esportes, eu era uma criança que fui escolhida e fui. Competi super bem, tive resultado positivo, fui a primeira ginasta do Brasil nesses jogos em 91. O Brasil ainda não tinha muito tradição estava apenas começando não é, as campeãs eram as Cubanas, as americanas, canadense.

Aí depois desse pan-americano, desse pan-americano de 91 a gente continuou se dedicando à conjunto de solo, até que a presidente resolveu fazer essa seleção permanente em 94 e deu super certo. Porque em 95 a gente já foi pra os jogos pan-americano de Mar Del Prata e a gente conquistou a primeira medalha de bronze em conjunto, e aí com essa medalha e viu que o trabalho deu certo com a seleção permanente tudo e continuou, permaneceu. A gente voltou desses jogos, continuou a seleção, anos, anos esperamos, aí nos jogos pan-americanos seguinte que foi em Mar, desculpe em Winnipeg em 99, aí foi a primeira medalha de ouro do Brasil em conjunto. Eu era ginasta, minha irmã, sempre as mesmas, a base sempre foi a mesma, a Daiane, aí algumas meninas do Brasil, uma de Vitoria (06:24), a Michelle Salzano em São Paulo. Aí a gente conquistou, e foram... mais uma vez comprovou que essa seleção permanente daria certo não é. A gente não imagina que ia ganhar a medalha de ouro e foi onde sempre fala que teve antes pan-americano de Winnipeg e depois a ginástica rítmica, porque foi muito divulgado. A gente saiu na globo ao vivo, no fantástico.

**Eu lembro.**

* É em tudo, no jornal nacional.

**Isso foi uma apresentação impecável não é. Foi uma apresentação?**

* É porque o Brasil precisava daquela medalha de ouro pra subir no quadro, pra ganhar da Argentina. E estava basquete e ginástica rítmica que eles passaram. E deu certo porque era ultima competição que estava acontecendo e passou na globo e o Brasil todo assistiu, acompanhou, a gente entrou ao vivo na hora e a gente não tinha a dimensão de tudo que estava acontecendo. Primeiro a gente não imaginou que ia ganhar medalha, e quando a medalha, já veio toda a imprensa e foi muito legal assim. A gente se emocionou muito, porque pra mim foi uma vitória. Em 98 no ano anterior a esses jogos eu tive um filho, eu fiquei grávida, eu pensei que a minha carreira tivesse acabado, mas a minha técnica virou pra mim falou: “não, você vai continuar treinando, você vai ter o seu filho e vai continuar treinando”, e eu treinei até o oitavo mês de gravidez.

**Não diga?**

* Em 98, eu pensei que tivesse acabado e ela falou que não, e eu treinei até o oitavo mês, foi até novembro mais ou menos. Eu treinei, e eu no ano seguinte, eu ganhei o João Lucas em janeiro e voltei a treinar em março porque tinha esse pan-americano e ela precisava de mim. E um mês antes desses jogos pan-americanos de Winnipeg a gente foi pra um campeonato de quatro continentes nos Estados Unidos e eu estava amamentando. E eu levei ele, e um dia antes de embarcar eu trinquei o braço e foi tudo muito difícil porque minha sogra foi junto pra cuidar do João Lucas e eu estava amamentando. E meu braço doendo e a gente competiu muito mal e era um mês do pan-americano e eu pensei: meu Deus pra que tanto sacrifício[?](http://jrlviseu.blogs.sapo.pt/495.html) Me sacrificar tanto, eu treinava oito horas com um filho eu amamentando, levei pra viagem e ainda fomos mal, aí que foi um mês seguinte e fomos pra esse pan-americano, foi...

**Arrasador.**

* Foi arrasador, foi um momento histórico que hoje, até hoje todo mundo recorda, foi um momento marcante e com essa medalha de ouro a gente conseguiu a vaga pra olimpíada de Sidney. Então eu pensava em encerrar a carreira ali e foi ali que conseguiu a vaga pra olimpíada. Aí eu falei: “meu Deus vou continuar mais um ano nesse ritmo, marido, filho tudo pra participar de uma olimpíada”. Mas eu não poderia parar ali porque eu vivi a minha vida, eu tinha 15 anos de ginástica, eu vivi a vida toda com esporte, tudo sem muito físico, sem patrocínio.

**Você tinha quantos anos nesse momento Camila?**

* Quando eu?

**No pan-americano é?**

* Eu tinha 22 anos, eu tive o João Lucas com 21, é eu tinha 21 anos. Eu ganhei em 99, eu tinha 21 anos, aí conquistou essa vaga pra olimpíadas eu continuei treinando mais um ano, foi muito difícil assim, eu tinha 21, 22 anos porque é difícil com filho, mas eu queria encerrar a minha carreira, pelo menos ter participado de uma olimpíada porque dai compensar todo o sacrifício da vida toda não é. Sem benefício, sem patrocínio, pai ajudando, meu pai se matando, teve uma época que eu lembro quando era bem pra participar desse campeonato mundial no individual assim, não tinha dinheiro, meu pai foi lá e vendeu um carro, vendia tudo o que tinha pra mandar a gente pras viagens. Eu acho que foi uma luta, uma luta, uma luta e que no final deu certo graças a Deus, porque depois dessa medalha de ouro a gente fez uma preparação muito boa, com técnica estrangeira visando essa olimpíada né. E Barbara sempre foi uma técnica muito boa, a gente trabalha muito, muito, a gente treinava muito, muito e foi o ano seguinte a gente foi pra olimpíada, a gente ficou até meio abobada quando foi. Meu Deus olha o que é uma olimpíada não é, a gente não tinha dimensão de tudo o que era e na ginástica rítmica é assim, você treina muito, oito horas por dia e quando chega, por exemplo, na olimpíada a gente tem dois minutos e trinta. Não é como no vôlei, futebol, basquete, que tem várias chances de poder acertar aquele lançamento, aquele saque, aquele gol não é. Pra gente não, a gente tem dois minutos e trinta.

**Pra fazer a perfeição?**

* É pra chegar a perfeição que é muito difícil chegar, que tem uma comissão, fora o público todo ali. A gente tem mais de 10 árbitros ali na frente, do país todo te julgando só pra ver os erros. Eu lembro, nossa muito treino, eu estava muito saturada assim, era um sonho mas também não via a hora de acabar, era uma pressão muito forte, muito grande porque o mundo todo te assistindo, você naquele corredorzinho, tenho essa imagem até hoje, que ia entrar e o mundo todo ia te ver e se você fizesse cagada ali, imagina, você treinou a vida inteira pra aquele momento e era sua imagem que ia ficar ali. E é um conjunto não é, conjunto das cinco que estão ali na quadra titular, se uma erra acaba com o trabalho de todo mundo, então foi bem, foi realizador, mas ao mesmo tempo bem sacrificante porque a gente sacrificou a vida toda, a gente não teve, não foi uma vida normal, uma pessoa que estudou, foi dedicado ao esporte mesmo a vida inteira e terminou num saldo positivo graças a Deus. Daí acabou aquela olimpíada a gente foi muito bem, foi finalista, mais uma vez a gente conseguiu fazer historia. Foi assim tudo muito bom, a gente tinha, a gente se preparou muito bem, tanto psicologicamente quanto pra parte de treinamento. Deus, a gente tinha Deus, a equipe toda rezava, pedia, a gente orava junto, Deus falava com a gente porque a gente abria a bíblia. A Barbara abria lia pra gente falava com a gente, falava diretamente, foi uma época bem legal, vai ficar guardado pra sempre. Aí acabou a olimpíada, aí a ultima série que a gente apresentou, eu lembro que eu dei tchau assim tem a imagem, o vídeo eu dei tchau pra o público, eu falei graças à Deus acabou.

**E ali você acabou mesmo?**

* Encerrei minha carreira, mas agora nunca mais eu quero. Eu fui até o meu limite assim no esporte, assim meu papel como ginasta eu dei tudo, eu fiz tudo que tinha que fazer e ali eu falei: “agora eu não quero mais ser ginasta”, também nem dava mais, eu tinha 23 anos, então foi dos 8 aos 23, foram 15 anos. E naquele ano eu me formei, ainda com filho me formei, encerrei a carreira, mas aí encerrei a carreira, já continuei no esporte, a Barbara...

**Você estudou?**

* É, em 2000 foi a olimpíada de Sidney, em 2000 a gente se formou em educação física eu, minha irmã, a Daiane tudo junto, na mesma universidade que a gente treinava. Os professores sempre ajudaram a gente assim, que a gente faltava muito, a gente treinava o dia inteiro chegava na aula a noite estava com sono, não aguentava de cansaço e muitas vezes aí eu dormia no alojamento das meninas que era de fora, que moravam ali do lado do UNOPAR. Eu dormia ali porque não aguentava de sono, porque ia chegar em casa onze horas da noite e oito horas da manhã já começa o treino, foi bem desgastante assim, acho que foi bom, muito bom, mas também foi bem sacrificante. E depois aí logo que eu parei de treinar a Barbara me convidou pra eu ser auxiliar técnica dela, ela sempre percebeu assim que eu tinha o perfil de técnica, eu era sempre que dominava as meninas, não vou falar capitã, não tinha capitã na nossa época, mas era tipo uma capitã que sempre orientava, corrigia as meninas. Aí foi quando eu parei de treinar ela pediu pra eu ser auxiliar técnica dela e eu auxiliei de 2001 quando eu fiz a especialização em ginástica rítmica, dai eu fui aprender o outro lado não é, de 2001 a 2004.

**Onde foi que você fez a especialização?**

* Aqui também na UNOPAR, tudo na UNOPAR. Aí eu fiz a especialização e fiquei 4 anos sendo auxiliar da seleção brasileira de conjunto, onde ela me ensinou, foi me ensinando tudo, porque ela tinha na cabeça que ela ia encerrar a carreira dela como técnica, porque ela tinha que ajudar os pais na universidade, que os pais dela eram donos da universidade UNOPAR. Então ela me preparou não é, pra depois continuar o trabalho e foi assim, quatro anos aí viajando com a seleção. A Daiane continuou como ginasta, minha irmã saiu totalmente e eu continuei no ginásio, mas do outro lado, aprendendo, auxiliando, aí eu fui conquistando meu espaço dentro da seleção. Depois eu fui preparadora física, fiquei responsável pela preparação física do conjunto e auxiliava a Barbara na parte técnica das coreografias e fui pra olimpíadas de Atenas, e aí conquistou a vaga de novo, trabalho. Aí depois de Sidney, depois de Winnipeg na verdade, foi evoluindo, foi crescente, foi melhorando os rankings, foi o Brasil sendo notado sempre, participando de todas as competições, aumentaram os patrocínios, as coisas, a gente pode participar de mais copas do mundo e foi crescendo, crescendo. E em 2003 foi ai eu fui pra o pan-americano, ai de novo como auxiliar técnica de Santo Domingo em 2003, ai a gente já era campeã absoluta fez um, de 99 foi a primeira medalha do ouro pra 2003, o Brasil cresceu demais, ganhou dos outros países disparado, em Santo Domingo. Daí eu fui auxiliar técnica, daí ganhou as 3 medalhas de ouro no conjunto, ai conseguiu a vaga no campeonato mundial e foi pras olimpíadas de Atenas, ficou, entrou pra final, a expectativa era ficar entre os cinco primeiros, mas ai na hora "H” lá na olimpíada de Atenas teve um erro muito grande que a gente acabou em oitavo lugar novamente, foi a mesma classificação de Sidney, mas já em Atenas estava muito melhor, mas aconteceu um erro não é.

**E o erro é fatal não é?**

* O erro na hora “H” não tem como, a gente ficou em oitavo lugar novamente, só que nessa época houve um pouco antes da gente ir pra olimpíadas de Atenas, quando a Barbara começou a anunciar que ia se retirar, ia se aposentar e nisso a imprensa veio em cima dela e numa das entrevistas ela falou: “não, eu vou encerrar, foi uma bobeira assim, eu vou encerrar a minha carreira, mas a Camila vai continuar tudo”. Aí o Brasil todo assistiu e eu no atrito assim entre as técnicas do Brasil todo falando com a confederação: “não, como que a Camila vai continuar, tem a nossa vez, nós também queremos ser técnicas, a gente está aqui há tantos anos”. Entendo o lado deles, mas a Barbara também estava me preparando e nisso a presidente da confederação não gostou da entrevista. Aí houve uma briga entre a presidente da confederação e a UNOPAR porque ai ela começou a declarar... a presidente que era na época Lucélia Florenzano...começou a declarar que a seleção ia acabar, que a Barbara ia parar e que a seleção ia acabar e não ia ser mais aqui, e o patrocinador vendo sendo divulgado isso sendo, que era a UNOPAR que era o pai dela, ele começou a questionar: “como que vai tirar a seleção daqui, a gente é o patrocinador há mais de 10 anos”. Quando estava lá no buraco não é, aí ela mandou uma carta falando que se a UNOPAR patrocinou foi porque ela quis, aí foi uma briga de peixe grande que foi pra o ministério, pra o ministério não...

**Para a copa?**

* Ah, foi uma briga, ai foi pra justiça, ai foi pra justiça e acabou que a ginástica rítmica perdeu muito com essa briga, porque aqui as coisas estavam evoluindo muito.

**E saiu daqui mesmo?**

* Aí quando essa briga ela tirou daqui, mandou pra Vitória, aí o trabalho continuou, mas assim ainda na sombra desse trabalho todo que tinha sido feito...

**Aqui de Londrina?**

* É aqui em Londrina, a Elizabeth também tinha conseguido entrar na federação internacional de ginástica, então a gente tinha a parte política, tinha um trabalho muito bom, tinha o investimento que eles investiam em trazer um técnico enfim. Aí foi pra Vitória e mudou a técnica, mudou tudo, mas ainda conseguiu permanecer o trabalho, mas classificou pra Olimpíada de Pequim, mas acabou ficando em 12º. E depois aí tiraram dessa técnica que não deu certo, mandaram pra Aracaju, ai mudou o presidente da confederação e fez seleção permanente em Aracaju e convidou uma técnica estrangeira, uma búlgara, e acabou que o trabalho foi todo por água abaixo. Aí depois de sete anos que saiu do 8º lugar acabou com o trabalho, foi tudo por água abaixo, nem classificou pra as olimpíadas de Londres, aí nesse ano dessa classificação ai me convidaram. Nesse tempo que deu esse problema eu comecei como técnica, mesmo na UNOPAR, ai eu peguei as pequenininhas da escolinha selecionei, comecei um trabalho, então nesses anos a seleção saiu daqui, eu aprendi mesmo acho que foi importante eu fazer também.

**O processo de formação?**

* É, de aprender a pegar lá de pequenininha e formar as crianças não é, as ginastas, e consegui. Fui pra o infantil, e infanto-juvenil, elas sendo campeãs brasileiras, depois juntos fiz uma campeã brasileira também de individual Beatriz Pomini, que está na seleção comigo, então eu formei meninas e mostrei o meu trabalho, depois que eu mostrei, nisso a seleção decaiu muito, ai eles viram meu trabalho e me convidaram, me chamaram pra ser técnica da seleção.

**Pra ser seleção, você esta nessa seleção desde quando?**

* Então, em 2010 no final do ano é onde o Brasil é.

**Perdeu a vaga?**

* É, ia tentar uma vaga pra competir os jogos pan americanos de 2011, porque do jeito que estava não ia conseguir nem classificação pra participar dos jogos pan-americanos, então eu fui chamada de urgência, assim faltava 20, 22, 23 dias pra esses jogos pan-americanos de Guadalajara.

**Sim.**

* E estava na lama o trabalho assim, pegaram e me chamaram pra auxiliar essa técnica búlgara, ai eu falei: “ah, pô vou ajudar, claro me chamaram”, e fui pra Aracaju e quando eu cheguei lá eles mandaram a técnica embora e me colocaram pra assumir, só que eu falei: “gente, como?” Até a minha chefe aqui a dona Elizabeth me liberou, mas pra ir lá mas pra auxiliar, como é que eu ia assumir um trabalho que estava nessa situação não é. Ela falou: “não, melhor você vim embora” e eu nessa de resolver se vinha, eu ia largar a seleção e como ia ser o Brasil que ia fazer, sem técnica não ia nem participar, ia acabar com tudo não é. O pouco que restou da ginástica, ai eu peguei fui treinando aquelas ginastas, estava tudo fora do peso, a coreografia toda, destreinada total assim, eu peguei em 25 dias, ressuscitei lá um trabalhão, 10 horas assim, treinava manhã, tarde e noite assim, porque as meninas estavam tudo fora do peso, dieta, modifiquei a série, arrumei collant para elas competirem, até o collant não tinha condições.

**Meu Deus como isso pode?**

* Aí fui pra esse essa classificatória, essas que era que foi no México, pré-pan que chama, 2010 e elas assim um milagre, praticamente foi um milagre, elas foram vice- campeãs. Primeiro ficou o Canadá e segundo ficou as meninas. E no pan-americano anterior que foi no Rio de Janeiro, estava nesse processo que estava em Vitória e a gente fora do esquema, tiraram a gente do esquema, a gente a vida toda participando da seleção como ginasta e todos os campeonatos tudo e quando tirou daqui, a gente acabou, acabou nossa vida de seleção, não tinha mais, eu lembro que eu falei: “Dani vamos lá assistir não é”. A gente assistiu o pré pan, as meninas ainda ganharam, ai os jogos pan-americanos no Brasil mais fácil, eu fui convidada, foi como comentarista da globo e foi muito difícil assim pra mim, eu assisti e falei: “meu a vida toda rendi nessa vida e agora aqui assistindo”. Dani estava comentado e lá de fora total assim e elas foram campeãs, linda tudo, e eu ficava pensando: “Meu Deus porque não é, desse jeito, uma vida dedicada e tiraram a gente do esquema”. E aí Deus escreve certo por linhas tortas. No pan-americano eu estava lá, fiz esse milagre assim, as meninas acreditaram também no meu trabalho, a gente foi lá trabalhou, elas foram vice-campeãs. Aí eu fui embora, eu falei: “agora eu vou embora”, eu vim embora, com um filho tudo aqui em Londrina, e a seleção era lá em Aracaju.

Aí eu pensei “meu agora acabou porque eu não vou morar em Aracaju, não vou largar tudo aqui, morar em Aracajú, tem que vim pra cá, a seleção tem que vim pra cá, tem que vi pra cá, e eu briguei pra vim pra cá, briguei. Chegou em 2011 ela me convidou pra ser técnica, assumir a seleção porque até então era técnica interina não é, fui pra auxiliar, fui técnica interina e depois me convidaram e não tinha outra que estivesse tão preparada quanto eu, era minha vez. E eu também...como o filho estava passando por um momento difícil aqui, eu estava separando tudo...e eu acabei...eu na minha cabeça não existia essa possibilidade, mas no sufoco, no último momento assim, eu falando: “não, não, não, tem que vir pra cá” e não teve jeito porque ela não quis mandar pra cá de jeito nenhum, e o presidente da federação do Paraná, como houve todo esse problema todo.

**A Elizabeth?**

* Não a Lucélia.

**A Lucélia é presidente aqui do Paraná?**

* É, da federação do Paraná, aí ela num quer nada que a Lucélia que hoje é presidente não quer nada aqui no Paraná porque também ela sofreu muitas brigas, problemas também eu sei que a ginástica perdeu muito com todo esse problema e até hoje a gente não conseguiu recuperar não é, a gente já, ai eu assumi tudo muito demorado porque eu não queria morar pra lá, só em março que foi minhas férias, ai eu falei quer saber então eu vou. Vai ser só 6 meses de trabalho é desses jogos pan-americano e era minha chance também de mostrar que eu, que eu não só fui uma boa ginasta, que eu era uma boa técnica também. Tinha me preparado pra tudo isso, quando a Barbara falou que eu ia assumir, que não era ela que escolhia,e ai formei asminhasginastas, mostrei daí chegou a minha vez, ai eu peguei: “então ta bom”. Daí eu fui, foi muito difícil, 6 meses longe de filho, longe de família, mudança, foi muito difícil, tudo dava errado, tudo dava errado, naquele ano de 2011 porque eu renovei totalmente. Eu falei, eu vou, mas vai ser do meu jeito. Então eu renovei a seleção, peguei meninas novas 6 anos, 7 anos, inexperientes assim iam pra competições, elas erravam muito, não estavam preparadas, se machucaram porque também não estavam, muitas se machucaram porque não estavam preparadas pra aquela coluna de treino.

Então foi muito difícil, muito, muito, cada competição era eu falava meu Deus não é possível, deu tudo errado, tudo errado, quando chegou nos jogos pan-americanos, não, um pouco antes, um mês antes a gente foi pra o... porque o Brasil não tinha conseguido a vaga pra disputar o campeonato mundial pra ver se conseguia uma vaga pra olimpíadas. Não consegui nem ficar entre os 24 melhores, ficou em 26º, ai como é um país que estava entre os 24 ficou em 24º lugar, eles desistiram de participar, ai nisso abriu uma vaga pra o país seguinte que não quis participar, ai veio o Brasil, então na ultima hora, um mês antes, em julho mais ou menos. O pré olímpico foi em final de setembro, então junho, julho eu assumindo a seleção, eu recebi a notícia que o Brasil ia participar do pré olímpico, só que a gente não estava preparado. Eu fiz um trabalho que era pra outubro a priorização que era o pan-americano, o objetivo fui contratada pra pensar no pan-americano e no meio do caminho veio esse pré olímpico e mesmo assim a gente foi. Eu chamei a ginasta do individual, as melhores que tinham no país, o Brasil todo se mobilizou, falei assim: “olha ou a gente levanta a ginástica, se une ou agora acabou a ginástica rítmica”. E aí a gente foi pra esse pré olímpico e chegou lá e o estilete quebrou na hora da apresentação, o estilete que segura a fita, na hora da apresentação quebrou o estilete, e isso a gente perdeu muita nota e o Canadá passou na nossa frente.

E elas conseguiram a vaga pra olimpíada, porque um país ia representar da America o continente não é, e bem na hora “H” quebrou e foi assim uma situação muito difícil porque eu tinha acabado de assumir a seleção e tudo, muito difícil e família e filho, meu filho ficou aqui e ainda aconteceu um negócio desse. Falei: “meu Deus, porque tudo muito difícil, comigo sempre assim tudo muito difícil, muito difícil”. E na hora que tinha que dar certo, deu certo, um mês depois lembra eu fui pra Winnipeg, que eu contei que eu tive filho, meu braço trincou e foi um mês antes, foi muito difícil. Foi pra o pan-americano ganhou a medalha de ouro e foi assim o auge e a mesma coisa foi quando estava eu quando Winnipeg em 2011 tudo difícil, difícil, o estilete quebrou, não conseguiu a vaga pra olimpíada, o Canadá passou na frente, só que não era culpa, era um processo todo que deu erro, foi anos e anos que foi caindo, caindo e estava ali na minha mão, e graças Deus, Deus é tão bom que na hora certa, deu certo.

A gente chegou no pan-americano com o Canadá que ia pra olimpíada com a vaga segurada, com certeza a medalha de ouro era pra elas não é, mas trabalhamos duro, na pressão, as meninas enfrentaram muito trabalho, mas a alegria veio na hora certa, que a gente foi pra na hora “H” elas fizeram a série, a gente ganhou no geral de Guadalajara, fez o conjunto, fez o outro ganhamos, chegou eu falei: “o que vier agora é lucro, já somos campeãs pan-americana”. E chegou na final elas competiram com bola, ganharam mais uma bola de ouro competiram arco e fita, então nós ganhamos todas as medalhas de ouro. E eu muito feliz, até lembro que a Record que estava transmitindo tudo e ela puxou lá a história que era, que eu fui campeã pan-americana de Winnipeg como ginasta e Santo Domingo como auxiliar técnica e 2011 como técnica. E foi perfeito assim, deu tudo certo, mesmo difícil tudo. Acabou o ano aí a mesma briga todo ano, não, você vai ter que vim, continuar com a seleção e nessa estou lá e agora começou um projeto pra 2016 e eu estou como técnica da seleção e agora estou conseguindo fazer o trabalho, desde de quando a gente não participou da olimpíada, o ano passado foi muito ruim, porque aí o dinheiro aqui no Brasil não vem, quando não tem medalha, não tem dinheiro, eles não, era um trabalho que era pra ter feito 8 anos pra 4 anos pra trás já começar não é. Pra ter 8 anos agora são no mínimo, mas sempre tudo muito difícil, agora já esta em quase, acabou janeiro e a gente não começou a seleção ainda, porque ainda não tem verba pra manter a seleção permanente lá em Aracaju, está esperando fechar contrato, patrocínio tudo.

**E vai continuar lá em Aracajú?**

* Vai continuar lá em Aracaju porque a presidenta da confederação é de lá e ela quer ter embaixo dos olhos pra cuidar, e a gente se desloca e mora tudo lá em Aracaju e essa preparação vai ser feita pra ser em 2016 e eu espero terminar com sucesso também, tudo sempre muito difícil. Mas em 2016 a gente conseguiu um resultado inédito que meu objetivo é levar o Brasil, classificar entre os cinco primeiros, trazer uma medalha na final aí em conjunto quem sabe em 2016, então minha historia é isso, só ginástica a vida toda dedicada.

**Você falou Camila sobre essa, sobre essa, esse momento que você estava aqui no Rio de Janeiro e que você foi ser comentarista e que se estava, como é que foi pra você essa mudança da condição de atleta, como foi pra você deixar de ser atleta?**

* Bom, pra mim foi tranquilo assim, eu vejo pela minha irmã, a minha irmã por ela, ela estaria até hoje como ginasta, pra mim foi tranquilo, porque eu já não aguentava mais assim a pressão, o treinamento diário, muita dedicação e pra estar lá naquela quadra em 2 minutos e trinta e acabou. Então pra mim foi muito bem resolvido, meu papel como ginasta eu fiz, tudo que eu tinha que fazer quando eu pisei no tapete lá em Sidney na última apresentação eu me despedi, falei: “agora nunca mais quero entrar na quadra, quero do outro lado”. Eu já tinha essa vontade minha desde quando eu era ginasta, de estar do outro lado, ser técnica não é. Eu acabei, encerrei, eu já fui pra o lado já mudei minha cabeça e já fui estudar, já fui fiquei grudei pra minha técnica Barbara Laffranchi pra aprender e já procurei evoluir, estudar. Porque ginasta não consegue estudar muito, levar os estudos a risca, ai eu parti pra outro lado, foi tranquilo assim, eu acho que não sei, como é nas outras modalidades, mas na ginástica rítmica é muito importante a gente, as pessoas que, quem for ginasta, seguir a carreira porque é muito mais fácil pra ensinar as ginastas, porque você sabe fazer, então tudo o que, depois que eu parti pra o outro lado.

Aí comecei a entender muitas coisas que eu não entendia, não passava na minha cabeça como funcionava do outro lado, até a Barbara ela foi muito boa nisso, ela nunca deixou passar as coisas de fora, o outro lado pra gente que estava ali dentro. A gente só pensava nisso, só em treinar, só nas séries, só em treinar e competir, só nisso, não via as coisas podres, coisas ruins do lado de fora e hoje como técnica eu vejo assim, eu entendo muitas atitudes dela, vejo que eu lembro que quando a gente era ginasta ia pra as competições, ela sempre ficava trancada dentro do quarto, sempre ela ficava lá dentro do quarto e a gente ficava: “0 que ela fica fazendo lá dentro”, que ela só fica dentro do quarto. E eu hoje eu entendo muito, assim porque estando do outro lado eu fico, eu faço a mesma coisa que ela fazia, ficar muito sozinha pensando o que vai fazer? Como vai ser? Ah, o povo falando mal, decisões que tem que tomar, então a gente fica muito sozinha mesmo, eu vejo lá em Aracaju, eu acho que o mais difícil é isso, eu fico lá sozinha, a família toda aqui e fico só concentrada pra isso, então é uma vida muito difícil, mas que eu gosto. Eu amo a ginástica senão não teria passado por tudo isso não é, mas é a minha vida, uma vida assim muito, no Brasil o esporte é muito difícil, a gente nunca sabe, estava até mesmo essa semana me questionando. Será que eu fiz a escolha certa não é? Em vez do esporte sabe, uma olimpíada no Brasil e não teve muito planejamento, não pensaram muito como nos outros países, oito anos, dez anos atrás eles já começam a se preparar e já começam a aparecer nos campeonatos com tudo e sobre, esta lá em 10º e sobe pra entre os primeiros no número de medalhas tudo, eu não vejo muito planejamento aqui e é difícil porque a gente vive do esporte.

**E vão te cobrar resultados.**

* E vão, e cobram resultado, mas não investem, querem, melhorou muito pra os ginastas, tem assim o bolsa atleta, tem isso, aquilo pra ginasta, até melhorou, na minha época não tinha nada, quando eu competia a gente ia, eu lembro a gente não tinha aparelho oficial, aparelhos que precisa ter a gente não tinha, os mesmo recursos que tem hoje pra ginástica. E técnico nem é muito valorizado, muita pressão, cobram muito, mas também não falta, acho que planejar as pessoas que entendem mesmo de esporte está no comando é uma política não é, e agora nesses últimos 4 anos acho que vai aparecer patrocinador, dinheiro, dinheiro, mas só falta três anos e meio e isso pra nós não é nada, não é nada três anos e meio, nada três anos e meio.

**É lapidação.**

* Já era pra estar no auge, mas é isso o esporte, a gente vive dele, eu vivo dele, me preocupo porque todo começo de ano a gente não sabe se vai ter emprego, se não vai ter, se vai ter contrato se não vai ter, é bem sacrificante. Ma é uma vida é a gente vive momentos felizes não é, eu acho que esses momentos felizes dentro do esporte compensa tudo e faz a gente acabar um e já pensar no próximo não é. E agora já passei minha vida toda, hoje eu sou técnica, consegui chegar na seleção, estou muito feliz porque ter conquistado, conquistado essa vaga assim, esse mérito porque hoje eu sou técnica da seleção, mas foi muito bom porque eu consegui me realizar como ginasta. Agora como técnica ainda sonho quando eu estar lá no pan-americano no Rio de Janeiro eu pensava, meu Deus, eu meio que questionava Deus assim eu falava: “porque que a gente não tá aqui, a gente lutou a vida inteira quando chegou os jogos pan-americano dentro do Brasil, nosso país, e a gente não está aqui, não tá ali participando to vendo tudo lá de fora”. Todo conhecimento que a gente tem, tinha não é, pensava assim todo conhecimento a gente não vai passar pra nada, acabou a atleta, esta fora vai embora. Eu acho que Deus escreve certo por linhas tortas, hoje eu acredito não é, eu sonho e não estava no pan mas vou estar na olimpíada no Brasil que é um sonho, um sonho que eu quero realizar.

**Camila me fala uma coisa você é de uma modalidade onde o corpo do atleta, da atleta é levada ao limite, como você lidava com a dor, como atleta e agora como técnica como que foi esse trabalho e esse cuidado com teu corpo?**

* Bom, eu nunca tive muitas lesõesna minha carreira de ginasta, eu nunca tive, aconteceu essa que eu falei que eu trinquei o braço, mas foi uma acidente que aconteceu dentro da coreografia, no treinamento machuquei e pronto, não foi nenhum stress de músculo. Eu sentia muita dor na panturrilha nos treinamentos, porque era uma lesão crônica, que era uma tendinite, mas era comum a gente, na minha época não tinha tablado pra treinar, não tinha mesmo estrutura que tem hoje e eu parei de treinar não foi nem por conta de corpo não aguentar mais, eu acho que foi mais cabeça mesmo, minha cabeça não dava mais pra viver aquilo intensamente como tem que ser, muito cansativo a ginástica. É muito duro porque você treina 8 horas e além de tudo isso você não pode comer muito, porque você tem que ser magra, acho muita ginasta que conseguiu realizar seu sonho, jogaram sua carreira no lixo por conta dessa restrição na ginástica, você tem que ser magra, porque senão é uma vida totalmente diferente, você treina muito, você vive dentro da ginástica. Minha mãe que fala, minha mãe sempre fala: “ah menina, não sabe nada da vida, não sabe nem...”, ela estava tirando o sarro que eu não sabia o nome da rua, de uma rua que tem aqui em Londrina, porque ela falou vocês ficaram a vida toda dentro do ginásio, então a gente não tem, deixou de viver muitas coisas não é, por conta do esporte e lesão. Nunca tive muito problema não, mas eu assim como eu sei que é muito sacrificante, como eu hoje como técnica sou bem humana com as meninas nessa parte. Quando elas sentem dor, eu já, eu confio muito nelas, oh se tiver mentindo ou enganando, elas que vão deixar de estar evoluindo, mas eu acredito nelas, então doendo eu já mando pra o médico, já vai na fisioterapia, eu sou bem flexível em relação a isso, mais eu o que você mais queria saber é isso não é, de lesão essas coisas de corpo?

**E do controle da alimentação?**

* É, eu acho que o mais difícil de uma carreira de uma ginasta é isso, eu sofro bastante com as meninas, hoje com a seleção por conta disso, mas é um sofrimento que toda ginasta que escolher ser ginasta, e muitas vezes até eu convoquei ginastas novas pra seleção e não deu certo. Ano passado, desistiram na volta no final do ano, acho que principalmente por causa disso, elas sai de perto da família, sai de casa, vão morar todas juntas onde a gente não tem uma estrutura 100%, porque a gente não tem psicólogo, não tem nutricionista e chega lá elas, a gente passa cardápio que elas não podem comer muito, elas treinam muito, sai de uma realidade e acabam desistindo do esporte, porque realmente é muito difícil, é pra poucas. Eu lembro que onde a gente conseguiu depois de Winnipeg a gente falou, uniu a equipe que estava já um tempo junta, a gente falou: “olha gente é a oportunidade da nossa vida, olimpíada, então nós vamos fazer tudo o que tiver que fazer, nós vamos chegar”, porque na maioria a gente era as mais cheinhas, porque a brasileira tem bumbum, então a gente tinha que estar muito abaixo do peso para aparentar que estava magra. Então e a gente se uniu mesmo, a gente eu lembro que a Barbara conseguiu da confederação uma alimentação que vinha já pronta pra gente, eu acho que era da até Varig, igual do avião que era balanceada, medida calorias, a nutricionista em cima. A gente foi muito bem preparada assim, teve uma boa estrutura, por isso que deu certo e a gente conseguiu todas emagrecer. Eu lembro que eu tenho 1,60 tenho e estava com 1,68, e eu competi as olimpíadas pesando 48 quilos e todas nós conseguimos assim e foi muito bom, porque a gente foi muito elogiada, porque não bastava a gente chegar lá, a gente tem que estar, a ginástica rítmica é toda um contexto visual.

**Um visual?**

* Você tem que estar magra, você tem que estar com um collant bonito, você tem que estar com uma maquiagem, você tem que ser bonita, elegante, você tem que acertar a série, tem que ter uma musica bonita, então a gente mexe com público, o público tem que gostar de tudo aquilo que esta vendo. Então eu acho que essa parte de alimentação é muito complicada, chega algumas ginastas, lembro na minha época as minhas amigas, companheiras chegam a fazer alguma loucura, escolhe uns caminhos errados que acabam que ter que desistir, ou foram cortadas porque não conseguiram lidar com isso, alimentação, é isso.

**Você gostaria de falar mais alguma coisa?**

* Eu acho que eu falei, tentei resumir pra não ficar muito longa a minha vida toda acho que é, a gente que esta nesse meio, a gente vira um vicio. Você a vida toda dentro da ginástica, a gente fica muito focada naquilo, a gente esquece as coisas em volta porque foca muito, é muito trabalho, você fica pensando só naquilo e fica dentro do ginásio e pelo jeito não sei até quando. Mas a minha vida ainda esta dentro do ginásio, eu faço o que eu amo, não sei até quando não é, mas eu tenho orgulho assim, meu filho eu lembro.

**Com quantos anos ele está?**

* Hoje está com 14 anos, ele nessa matéria se você vê da Record que saiu dessa do pan-americano de Guadalajara, eles fizeram essa matéria, que fizeram comigo de auxiliar ginastas, auxiliar, a Ana Paula Padrão fez uma entrevista comigo: “ah, o que foi mais difícil” naquele momento tinha acabado, e eu fiquei muito feliz, eu fiquei totalmente realizada, naquele momento foi o hino lá tocando, as meninas lá felizes, tinha sido tudo muito difícil e eu realizada como técnica não é. A seleção brasileira ali conquistando aquelas medalhas de ouro e ela perguntando o que foi mais difícil, aí eu falei: “que foi deixar meu filho não é”, e ele só que ele quando eu fui escolher assim, que eu cheguei João a mãe foi chamada pra ser técnica da seleção, e ele falou: “sério”? Daí eu: “sério, só que a mãe não vai porque tem que morar em Aracaju e eu não vou deixar você aqui”, e ele: “não mãe, você vai ter que ir”, e eu: “o que”? “Você vai ter que ir mãe, imagina você vai ser técnica da seleção brasileira, da sua nação”, ele falou pra mim: “eu quero que você vá”. Aí foi que ai eu pensei nisso, nossa eu vou mesmo, mas e você assim João vamos com a mãe? “Não eu mãe, eu não consigo nem mudar de escola quanto mais de cidade”, aí como eu fui sempre essa não, eu vou, mas eu volto, eu vou, mas eu volto até esse ano que passou uma das minhas condições era assim, eu fico lá em Aracaju, mas todo mês eu vou vim. Cada 15 dias eu vejo ele, eu venho pra cá, todo feriado eu venho ou ele vai, as férias agora ele ficou comigo e assim foi passando a vida e eu dentro do ginásio de novo.

**Ai Camila muito obrigada pela tua colaboração e sucesso nessa empreitada, porque as coisas no Brasil não são fáceis.**

* Não são fáceis nenhum pouco.